

Oásis. O Instituto Sacatar fica na ponta norte da ilha de Itaparica; num terreno repleto de coqueiros e outras árvores, estão os estúdios onde os residentes desenvolvem seus trabalhos



A BAHIA TEM UM JEITO...

CRAVADO À BEIRA-MAR EM ITAPARICA, INSTITUTO SACATAR, RESIDÊNCIA ARTÍSTICA EM OPERAÇÃO CONTÍNUA MAIS ANTIGA DO BRASIL, ESTABELECE PONTE ENTRE A ILHA E O MUNDO; 500 ARTISTAS DE 70 PAÍSES JÁ PASSARAM POR LÁ

MARIA FORTUNA
mariafortuna@oglobo.com.br
ITAPARICA, BAHIA

A barca Dandara dos Palmas desliza pela Baía de Todos os Santos rumo à Ilha de Itaparica, a 23 quilômetros de Salvador pelo mar. O trajeto serve como portal que prepara a alma dessa sortuda abençoada que está prestes a adentrar uma atmosfera idílica, “mole e lenta”, como descreveu João Ubaldo Ribeiro, filho ilustre daquele pedaço de terra cercado de águas calmas e cristalinas por todos os lados. Pois o mesmo território que serviu de inspiração para muitas obras do escritor tem atravessado a criação de artistas de vários cantos do mundo. Gente que desembarca num paraíso que pode parecer perdido no mapa, mas tem sido encontrado por cada vez mais pessoas, isso sim. Um paraíso chamado Instituto

Sacatar, cuja sede, um casarão rodeado de verde, está cravado num quarteirão inteiro à beira-mar na ponta norte da ilha, próximo ao Centro Histórico. Ali, de cara para um braço de mangue, funciona a residência artística em operação contínua mais antiga do Brasil. Desde 2001, quando foi fundada pelo casal de americanos Mitch Loch e Taylor Van Horne, o Sacatar já recebeu mais de 500 artistas de disciplinas variadas e 70 países diferentes.

‘A ILHA ESCOLHE A PESSOA’

Neste momento, o grupo de felizardos é composto por dois franceses, uma equatoriana, três americanos e um baiano. Pessoas que, tudo indica, terão seu trabalho impactado pela ilha, território de importância seminal para a História do Brasil por ter sido ponto estratégico e de resistência durante a Guerra da Independência.

— Não é a pessoa que escolhe a ilha, é a ilha que escolhe a pessoa — diz o pesquisador Felipe Brito, cria e sumidade na História de Itaparica.

Bruto era um dos convidados do almoço de boas-vindas promovido pelo instituto, semanas atrás, com objetivo de aproximar residentes de figuras que fazem a diferença na ilha e em Salvador. Augusto Albuquerque, que largou a carreira de advogado na capital baiana e se tornou gerente administrativo do Sacatar, também ressalta o caráter inspirador da região:

— Preserva um ritmo de vida em que a maré determina o decorrer do dia. Itaparica também acentua a característica barroca da Bahia. Aqui, coisas aparentemente opostas se amalgamam sem contradições. O espiritual e o concreto, o sagrado e o profano convivem numa boa. E não é realismo fantástico, é a realidade,

Sombra e água fresca.
Detalhe da varanda que rodeia o casarão principal



uma transcendência que permeia nossa vida. É transformador para quem vem com a alma aberta e se permite.

A escultora francesa Elise Morin está entregue. Ela, que já abordou o problema do lixo nos oceanos e da radiação em Chernobyl, trata logo de puxar Brito num canto.

— Quando cheguei, fiquei louca com as árvores. Agora, quero saber mais sobre a história da exploração de óleo de baleia na ilha — pede a parisiense, de 47 anos.

O artista visual baiano Marcos da Matta, de 35, está finalizando um quadro tendo a vista da praia da frente, apelidada de “praia da Henriqueta” (veja o motivo mais à frente), como cenário. Ele, que por meio de autorretratos trata da invisibilidade e sobrevivência de trabalhadores ambulantes, tem fotografado vendedores que fazem a travessia

de barca para pensar sobre o diálogo deles com a paisagem em que estão inseridos. Augusto, então, lembra uma coincidência:

— Uma artista baiana veio trabalhar justamente sobre a invisibilidade de pessoas que exercem certas funções na sociedade, como garis e porteiros, e teve que repensar tudo. Em Itaparica, ninguém é invisível, todo mundo tem nome. Quem varre a rua, os sem-teto... todo mundo é alguém.

O aprendizado é de mão dupla, garante Augusto.

— Apresentei o acarajé a um nigeriano, que disse: “Isso não é acarajé”. E eu, arrogante: “Oxe, sou baiano, como vai dizer que não é?”. Ai, ele explicou que o “jé” é um sufixo que significa o verbo “comer” em iorubá. As mulheres apregoavam nas ruas “acara, jé” querendo dizer “coma, acarajé!”, como “beba Coca-Cola”, sabe? Cerca de 40 artistas reali-



Autorretrato. O baiano Marcos da Matta e a pintura da ‘Praia da Henriqueta’



História. A francesa Elise Morin: curiosidade sobre óleo de baleia



Direção. Felix Toro assumiu o Sacatar há um ano: democratização do acesso



zam residências artísticas gratuitas no Sacatar anualmente. São divididos em grupos de sete e distribuídos em cinco temporadas de dois meses. Cada um tem uma suíte, um estúdio para trabalhar e refeições garantidas. Tudo bancado pelo instituto graças a parcerias com empresas internacionais e apoios como o da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult-BA).

Para se inscrever, não é necessário ter formação em artes, cursado faculdade, ser legitimado por museus ou galerias. O que mais pesa é o portfólio, o corpo de trabalho desenvolvido. É preciso apresentar proposta do que se está disposto a realizar, embora nenhum resultado ou produto final seja cobrado. O instituto rejeita o cunho produtivista. Tem como conceito deixar fluir. Priorizar o intercâmbio cultural e a experiência.

— Entendemos a residência como um local de inícios de novas ideias, colaborações, projetos e perspectivas. Tendo a Bahia e o Sacatar como ponto de partida, as experiências ecoam pelo mundo — afirma Felix Toro, à frente da diretoria há um ano, com passagens pelo MAM e Instituto Goethe da Bahia. — Há um fluxo constante de informações, ideias, referências e contatos profissionais. É mais interessante que a pessoa seja afetada. Não queremos que fique preocupada em termi-

nar uma pintura quando se tem mil relações para estabelecer, coisas a descobrir.

Mas é fato que a experiência dá frutos. O músico japonês Takuya Imahori compôs lá a sinfonia Cantos Itaparicanos. A baiana Ekedí Sinha começou ali seu projeto com músicas de terreiro. A artista camaronesa Beya Gille-Gacha fez, pela primeira vez, um autorretrato a partir do momento em que se reconheceu ao ligar pontos entre a História de seu país e do território em que estava. Tiécoura N'Daou encontrou proximidade entre tradições de seu Mali e o Zambiapunga, manifestação cultural do Sul da Bahia. Em setembro, o senegalês Hamedine Kane e a americana Adama Delphine Kawandu apresentam, na Bienal de SP, trabalhos que desenvolveram em residências no Sacatar este ano.

BOLSA E TRANSPORTE

Ao assumir o instituto, Toro procurou garantir, por meio da Secult e do Fundo de Apoio a Ações Continuadas da Bahia, a presença de um artista baiano por sessão, com direito a bolsa para não precisar se preocupar com boletos enquanto estiver lá.

— Apesar de ser gratuito, o Sacatar ainda pode ser um pouco exclusivo. Muitos artistas não têm como abrir mão, por dois meses, do trabalho que os sustentam. Buscamos ainda pagar transporte e bolsa para um artista africano por

ano. Acontecia de aprovarmos nomes, e eles não terem como vir. As passagens são caríssimas! Também fazemos parcerias com escolas públicas oferecendo oficinas com artistas.

O cineasta Mitch Loch e arquiteto Taylor Van Horne deram ao instituto o nome de uma reserva ecológica nas montanhas da Califórnia, nos Estados Unidos. Era lá que planejavam fundar o programa de residência. Ao perceber que existiam mais de cem iniciativas parecidas em seu país, resolveram aportar na Bahia, onde Taylor tinha vivido e trabalhado. A proposta tinha tudo a ver com a cultura baiana fecunda, que não tem receio de canibalizar influências globais e reinterpretá-las por meio das próprias expressões. Encontraram em Itaparica a casa perfeita.

Ali funcionara o braço de veraneio do Instituto Feminino, escola católica fundada pela educadora Henriqueta Catharino, nos anos 1950, em Salvador, pioneira na formação de jovens mulheres.

— A ideia era oferecer às mulheres uma alternativa ao casamento, pela educação profissionalizante, para sobreviverem. Famílias com condições colocavam suas filhas para que tivessem profissão e espaço para se fazer valer numa sociedade patriarcal — conta Brito.

Precursora importante do feminismo no país, responsável pela formação de um dos

mais ricos acervos memoriais de vestuário, cultura popular e histórico da Bahia, Catharino conquistou grande prestígio. E seu nome acabou apelidando a praia em frente à propriedade, também conhecida como Praia do Brasileiro.

E se ainda passam pela cabeça perguntas como “por que Itaparica? Não seria um lugar muito restrito?”, Toro saca seus argumentos:

— Disputo a ideia de que se fosse em Nova York seria mais central. É importante pensar a partir do lugar em que se está e construir uma cartografia em torno. Itaparica, em vários mapas, está no centro. Se pensar a diáspora africana, aqui é um dos epicentros. Em candomblé, quilombo, resistência popular na História do Brasil e até no tráfico baleeiro que liga Brasil, EUA e Inglaterra, também é um dos centros.

CAMADAS HISTÓRICAS

A Bahia, continua ele, é “ponto neurálgico de muitas camadas históricas, sociais e políticas”.

— Pensa no modernismo brasileiro, em movimentos de literatura, dança, teatro... Muita coisa surge daqui. É diferente trazer pessoas do mundo inteiro para entrar em contato com gente daqui e ter discussões sobre identidade acontecendo nesse lugar do que numa galeria de Berlim. O Sacatar não é uma residência em qualquer lugar, é na Bahia!

Presidenta da Funarte e frequentadora da ilha (o pai dela tem casa lá), Maria Marighella engrossa o coro:

— Quem ouviu “Do Marajó a Itaparica” dos encontros das guitarras de Manoel Cordeiro e Roberto Barreto ou lê o imenso João Ubaldo Ribeiro e a sua Itaparica histórica, território de batalhas da independência da Bahia ou do Brasil na Bahia, não pode imaginar que, bem ali, está a experiência de residência artística e continuada mais longa do Brasil. Entre a capital, Salvador e o Recôncavo, um espaço para o encontro entre os “impossíveis”, entre tradição e as artes contemporâneas.

Muitos continuarão desfrutando desse privilégio. Em setembro, como parte da programação do Ano da França no Brasil, cinco mulheres de diferentes pontos da diáspora africana se reunirão ali para refletir sobre o tema no projeto “Eu sou um oceano negro”. Um dos prêmios oferecidos pela próxima ArtRio é uma residência no instituto em 2026.

— É muito diferente do que um museu formal poderia oferecer. É todo um acesso a redes de contato, parcerias e financiamentos. Seria preciso viajar 20 anos para entrar em contato com essa galera. Fora o fim de tarde em que se pode sentar para tomar caipirinha com artistas de Sudão, Alemanha, Japão, interior da Bahia... — diz Felix Toro.

Formação.

A artista visual francesa Hélène Bertin ministra uma oficina para crianças da ilha de Itaparica